

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT22.004

O PROJETO QUAL(IS) LÍNGUA(S) VOCÊ FALA? E A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA SOBRE AS LÍNGUAS INDÍGENAS DO OIAPOQUE

Clarine Thays Barbosa da Silva¹

Elissandra Barros²

Jefferson da Silva Martins³

Keila Felício Iaparrá⁴

RESUMO

O presente estudo analisa o papel da divulgação científica no projeto Qual(is) língua(s) você fala? Rumo a identificação e salvaguarda das línguas indígenas do Oiapoque, que visa fomentar o reconhecimento das línguas Kheul Karipuna, Kheuól Galibi-Marworno, Parikwaki (Palikur-Arukwayene) e Kali'na (Galibi Kali'na) por meio do Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL). Fundamentado em Massarani e Moreira (2016), compreende-se a divulgação científica como uma prática dialógica e emancipadora, capaz de promover acesso, engajamento e corresponsabilidade social na produção do conhecimento. Amparado ainda nas perspectivas de Fairclough (2001) e Mainueneau (2008), o estudo adota uma abordagem qualitativa e interpretativa,

1 Mestra pelo Curso de Estudos em Fronteira da Universidade Federal do Amapá - UNIFAP, clarine.thays69@gmail.com;

2 Doutora pelo Curso de Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, elisbarros@unifap.br;

3 Mestre pelo Curso de Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para Inovação da Universidade Federal do Amapá - UNIFAP, jeffersonmartins@unifap.br;

4 Mestranda do Curso de Estudos de Cultura e Política da Universidade Federal do Amapá - UNIFAP, feliciokeyla18@gmail.com.

orientada pela análise de conteúdo e do discurso, examinando as postagens do perfil @quaislinguasvocefala no Instagram. Os resultados indicam que a divulgação científica, nesse contexto, ultrapassa a função informativa e atua como dispositivo de transformação atitudinal e simbólica, promovendo alfabetização científica, reversão de estigmas (GOFFMAN, 1988) e fortalecimento identitário (FISHMAN, 1991). Ao evidenciar a circulação digital do conhecimento sobre as línguas indígenas do Oiapoque, o projeto reafirma a divulgação científica como prática de justiça cognitiva (SANTOS, 2010) e estratégia de salvaguarda linguística, capaz de articular ciência, comunicação e memória em um mesmo gesto de resistência e reexistência.

Palavras-chave: Línguas indígenas, Mídias, Oiapoque, Divulgação científica, Comunicação.

INTRODUÇÃO

Não há estatísticas oficiais que o comprovem, mas é possível afirmar que, até muito recentemente – ou mesmo na atualidade – a imensa maioria das pessoas indígenas no Brasil atravessa a vida sem nunca ouvir suas línguas de identidade étnica circularem nos meios de comunicação de massa. Canais oficiais, como jornais, rádios e televisões, raramente lhes conferem esse espaço, ainda que seus corpos sejam frequentemente exibidos como ícones de uma suposta diversidade cultural e étnica que o colonizador consolidou sob a designação de Brasil. Para Coimbra e Barros (2024, p. 4) “a não presença de sujeitos indígenas, de suas vozes e línguas nos meios de comunicação é o reflexo de um fenômeno mais amplo de marginalização e apagamento das vozes e culturas dos povos originários”. Essa ausência discursiva evidencia tanto a marginalização das línguas e culturas indígenas quanto a forma assimétrica pela qual os povos originários são representados: visíveis enquanto imagens exóticas, mas silenciados em sua voz e em seus repertórios linguísticos.

Isso resulta em uma representação unidimensional e muitas vezes distorcida das comunidades indígenas, onde suas vozes, perspectivas e experiências são sistematicamente silenciadas. Como resultado, os indígenas são frequentemente retratados como corpos desprovidos de voz e agência, perpetuando estereótipos e preconceitos arraigados (COIMBRA; BARROS, 2024, p. 3).

É justamente nesse silenciamento que se inscreve a situação das línguas indígenas ainda faladas no território brasileiro. Diante desse quadro de invisibilidade e apagamento histórico, a divulgação científica emerge como um recurso estratégico para deslocar discursos hegemônicos e reposicionar as línguas e culturas indígenas no espaço público. Nessa direção, o *Projeto Qual(is) língua(s) você fala? Rumo à identificação e salvaguarda das línguas indígenas do Oiapoque*⁵ atua como experiência paradigmá-

5 O projeto foi contemplado no Edital de Chamamento Público Nº 05/2023 – Edital do Programa Nacional do Patrimônio Imaterial, vinculado ao Instituto do Patrimônio Histórico e

tica, ao articular ciência, educação e promoção das línguas e culturas indígenas como patrimônio imaterial dos povos indígenas do Oiapoque.

Vinculado ao Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL), o Projeto tem como eixo central o reconhecimento e a salvaguarda das línguas Kheuol Karipuna, Kheuól Galibi-Marworno, Parikwaki (Palikur-Arukwayene) e Kali'na (Galibi Kali'na), faladas na região do Oiapoque, município situado no extremo norte do Brasil, no estado do Amapá, em fronteira direta com Saint-Georges, na Guiana Francesa. Essa localização geográfica confere ao território um caráter ímpar, marcado por intensos fluxos transfronteiriços, contatos linguísticos e trocas culturais que historicamente impactaram as dinâmicas de transmissão e vitalidade das línguas indígenas ali localizadas.

Um dado demográfico relevante refere-se à expressiva presença indígena no município de Oiapoque: de acordo com o Censo Demográfico de 2022 (IBGE), 29,43% da população local se autodeclara indígena, o que equivale a 8.088 indivíduos entre os 27.482 habitantes totais. Essa população encontra-se distribuída em 67 aldeias situadas nas Terras Indígenas Galibi, Juminã e Uaçá, territórios que abrigam os povos Galibi-Kalin'ã, Galibi-Marworno, Karipuna e Palikur-Arukwayene – coletivamente autodenominados e reconhecidos como “povos indígenas do Oiapoque”.

A manutenção e o fortalecimento das línguas indígenas faladas no Oiapoque dependem, em grande medida, da articulação de dois eixos complementares. De um lado, a valorização comunitária, fundamental para assegurar o uso cotidiano, a transmissão intergeracional e o reconhecimento interno da língua como marcador identitário. De outro lado, o reconhecimento e a promoção institucional, que conferem legitimidade política e visibilidade pública, inserindo as línguas em políticas educacionais, culturais e midiáticas.

Artístico Nacional - IPHAN que tem como objetivo o fomento ao desenvolvimento de projetos de salvaguarda do patrimônio cultural imaterial. Em sua segunda linha de fomento, o edital contempla projetos de pesquisa sociolinguística que utilizam como referência o Guia do Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL) visando à instrução de processos de reconhecimento de línguas como Referência Cultural Brasileira.

Diante da histórica exclusão dos povos indígenas dos meios tradicionais de comunicação – como rádio, televisão e grandes jornais –, as mídias digitais, em especial o Instagram, têm se tornado um espaço privilegiado de visibilidade e agência. Ao mesmo tempo, ao produzir e difundir conteúdos sobre as línguas indígenas no Instagram, através do perfil @quaislinguasvocefala, o projeto promove uma forma de alfabetização científica que busca informar e estimular a reflexão crítica e engajamento social em defesa das línguas indígenas.

Apesar de haver avanços nas políticas de valorização das línguas indígenas e na produção de materiais didáticos bilíngues, observa-se ainda uma lacuna significativa na análise das práticas de divulgação científica voltadas a essas línguas. Pouco se discute, no campo da Comunicação e da Linguística Aplicada, como iniciativas digitais podem funcionar como mediadoras entre a ciência, a comunidade e o público mais amplos, contribuindo para o fortalecimento simbólico e político das línguas indígenas. Assim, o objetivo central deste estudo é analisar o papel da divulgação científica como prática de mediação cultural e política, destacando como ela contribui para a salvaguarda linguística ao desconstruir estereótipos históricos, tensionar desigualdades simbólicas e legitimar os saberes e as línguas indígenas do Oiapoque no espaço público contemporâneo.

METODOLOGIA

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo e interpretativo, fundamentada nos pressupostos da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011) e dos Estudos do Discurso (FAIRCLOUGH, 2001; MAINGUENEAU, 2008). Essa escolha metodológica justifica-se pela natureza discursiva, multimodal e socialmente situada do corpus, composto por publicações do perfil @quaislinguasvocefala na plataforma Instagram. As postagens analisadas configuram-se como enunciados públicos de divulgação científica sobre as línguas indígenas do Oiapoque, possibilitando examinar as estratégias comunicacionais e os efeitos simbólicos

produzidos por essas práticas discursivas no campo da popularização da ciência e da salvaguarda linguística.

O corpus empírico foi composto por postagens publicadas entre fevereiro e outubro de 2025. As publicações foram coletadas diretamente do perfil, preservando suas legendas, comentários e elementos visuais (imagens, vídeos e ícones). Essa delimitação temporal permitiu observar tanto a evolução das estratégias discursivas quanto as variações de engajamento e visibilidade ao longo do tempo.

Ressalta-se que a conta @quaislinguasvocefala é configurada como “pública”, o que assegura que qualquer usuário da rede social tenha livre acesso ao conteúdo, sem necessidade de autorização prévia. Essa característica é coerente com o propósito de popularizar a ciência, conforme discutido por Bueno (2010) e Massarani e Moreira (2016), para quem a divulgação científica deve ultrapassar os limites dos círculos especializados e fomentar o letramento científico em contextos amplos e plurais. No caso do Projeto Qual(is) língua(s) você fala?, possibilitando que informações científicas sobre as línguas indígenas do Oiapoque circulem para além do público estritamente acadêmico ou comunitário, atingindo também estudantes, professores, gestores públicos e a sociedade em geral.

A seleção foi realizada a partir de dois critérios: (i) diversidade de formatos de publicação (texto, imagem, vídeo e multimodalidade), para observar como diferentes recursos comunicacionais são mobilizados; (ii) representatividade das três dimensões centrais do Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL): identificação, reconhecimento público e salvaguarda das línguas indígenas. A análise foi organizada em três eixos:

1. **Funções das postagens** – Investigou-se o que cada publicação faz em termos de mediação discursiva: se promove letramento científico, se contextualiza o cenário sociopolítico ou se atua na valorização identitária e no enfrentamento de ideologias linguísticas hierarquizantes. Esse eixo permite compreender como a rede

social é apropriada como instrumento de comunicação científica aplicada a contextos de diversidade linguística.

2. **Impactos observáveis e prováveis** – Com base em categorias construídas indutivamente a partir do material empírico, foram analisados os efeitos potenciais das publicações: (a) alfabetização científica sobre línguas indígenas; (b) reversão de crenças depreciativas; (c) engajamento comunitário e institucional; (d) fortalecimento da identidade e da autoestima linguística; e (e) circulação de evidências e dados científicos.
3. **Tipos de conteúdo e sua função na cadeia de salvaguarda** – classificaram-se os formatos de postagem, relacionando-os às etapas do INDL. Essa categorização evidencia como cada recurso comunicacional contribui de forma distinta para a construção da visibilidade, da confiança epistêmica e do engajamento social necessários à salvaguarda linguística.

O procedimento analítico seguiu as etapas propostas por Bardin (2011): leitura flutuante do corpus, categorização temática e interpretação dos resultados. As categorias emergiram da análise empírica e foram posteriormente relacionadas aos referenciais teóricos da divulgação científica digital (MASSARANI; MOREIRA, 2016) e da comunicação indígena (SUSUI, 2022), que concebe o ato comunicativo como prática política e epistemológica.

Por fim, reconhece-se que os resultados estão circunscritos ao universo digital analisado, mas sua relevância metodológica reside justamente em evidenciar o papel das plataformas digitais como arenas de reexistência linguística e decolonização discursiva, nas quais comunidades indígenas se apropriam de ferramentas de comunicação para produzir saberes, narrar suas histórias e disputar representações.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Embora frequentemente utilizadas como sinônimos, as expressões comunicação científica e divulgação científica não designam os mesmos processos. Como afirma Bueno (2010, p. 2), “a divulgação científica compreende a utilização de recursos, técnicas, processos e produtos (veículos ou canais) para a veiculação de informações científicas, tecnológicas ou associadas a inovações ao público leigo”, enquanto a comunicação científica diz respeito à “transferência de informações científicas, tecnológicas ou associadas a inovações e que se destinam aos especialistas em determinadas áreas do conhecimento” (BUENO, 2010, p.2).

Feita a distinção, destaca-se que o projeto Qual(is) língua(s) você fala? Rumo à identificação e salvaguarda das línguas indígenas do Oiapoque promove, especialmente, a divulgação científica, pois esta se mostra mais apropriada para o público a que se destina - comunidades indígenas, escolas da região e sociedade em geral. A divulgação científica, ao contrário da comunicação científica, não se restringe ao círculo dos pares acadêmicos, mas busca democratizar o conhecimento e promover a alfabetização científica. Nesse sentido, o trabalho realizado nas redes sociais do projeto, especialmente no Instagram, e em ações de informação e sensibilização, insere-se nessa lógica de tornar a ciência acessível, crítica e útil para os diferentes públicos envolvidos.

Para compreender a opção pela divulgação científica, é necessário distinguir conceitualmente este processo da comunicação científica. Como assinala Bueno (2010, p. 2), “a divulgação científica compreende a utilização de recursos, técnicas, processos e produtos [...] para a veiculação de informações científicas, tecnológicas ou associadas a inovações ao público leigo”, ao passo que a comunicação científica diz respeito à circulação de informações especializadas “que se destinam aos especialistas em determinadas áreas do conhecimento” (BUENO, 2010, p.2). No caso do projeto, enquanto a comunicação científica se materializa em artigos acadêmicos e relatórios técnicos voltados à comunidade científica

e às instituições de pesquisa, a divulgação científica é o eixo fundamental das atividades em rede, pois dialoga diretamente com estudantes, professores e comunidades que precisam se apropriar criticamente do debate sobre as línguas indígenas.

A diferença de público é, portanto, crucial. Na comunicação científica, o público-alvo é composto por especialistas que conhecem os jargões e as metodologias, permitindo a divulgação em periódicos científicos e congressos (BUENO, 2010, p.). Já na divulgação científica, o público é heterogêneo e majoritariamente leigo, não necessariamente alfabetizado em ciência, exigindo, portanto, estratégias de recodificação do discurso, como metáforas, exemplos cotidianos, recursos visuais e narrativas acessíveis (BUENO, 2010, p. 3). É justamente essa recodificação que orienta as práticas de divulgação científica do projeto, onde conceitos técnicos como “variação linguística”, “preconceito linguístico” ou “multilinguismo” são traduzidos em conteúdos didáticos, quadrinhos e materiais bilíngues capazes de dialogar com diferentes faixas etárias.

Outro ponto de distinção são os canais. A comunicação científica circula em veículos especializados, como periódicos ou eventos científicos, de acesso restrito. A divulgação, por sua vez, “não está restrita aos meios de comunicação de massa” (BUENO, 2010, p. 4). Por fim, cabe destacar que os dois processos também diferem quanto às suas intenções. A comunicação científica busca consolidar a produção e a validação do conhecimento entre pares, “tornando conhecidos, na comunidade científica, os avanços obtidos” (BUENO, 2010, p. 5). A divulgação científica, ao contrário, cumpre a função de incluir a sociedade nos debates e “abrir espaço para aproximação e diálogo e, inclusive, convocar pessoas para debates amplos sobre a relação entre ciência e sociedade, ciência e democracia” (BUENO, 2010, p. 9). É exatamente isso que o projeto realiza quando promove a circulação de conteúdos no Instagram ou quando organiza oficinas comunitárias: criar condições para que as comunidades indígenas não sejam apenas objeto do inventário, mas sujeitos ativos na discussão sobre o futuro de suas línguas.

O projeto *Qual(is) língua(s) você fala?* optou por utilizar o Instagram como principal canal de divulgação científica em razão de três dimensões centrais: alcance, linguagem multimídia e engajamento interativo. Em primeiro lugar, o alcance da plataforma é decisivo. O Instagram é uma das redes sociais mais utilizadas no Brasil, sobretudo por públicos jovens, que constituem parcela estratégica na transmissão intergeracional das línguas indígenas. Dados do *Digital 2024 Report* (Datareportal, 2024)⁶ mostram que o Brasil ocupa posição de destaque entre os países com maior tempo de uso diário de redes sociais, e o Instagram figura entre os aplicativos mais acessados. Nesse intuito, a escolha do projeto corresponde à necessidade de ampliar a circulação do conhecimento científico em espaços nos quais a população já interage cotidianamente.

Em segundo lugar, a linguagem multimídia oferecida pelo Instagram - combinando texto, imagem, vídeo, áudio e recursos gráficos - potencializa a divulgação científica ao permitir formatos variados, como reels, cards informativos e *stories* interativos. Tais recursos contribuem para facilitar o entendimento do público sobre o conteúdo abordado. O Instagram também possibilita a criação de conteúdos curtos, acessíveis e esteticamente atrativos, capazes de transformar dados acadêmicos em narrativas visuais e audiovisuais atrativas e informativas. Por fim, o Instagram oferece ferramentas de engajamento interativo, como enquetes, caixas de perguntas e comentários, que favorecem a criação de diálogos horizontais entre pesquisadores, comunidades indígenas e sociedade em geral. Essa dimensão dialógica é fundamental, pois, como defendem Massarani e Moreira (2016), a divulgação científica não deve restringir-se a uma via unidirecional de transmissão de informações, mas constituir-se como prática comunicativa que estimula participação social, pensamento crítico e corresponsabilidade na produção do conhecimento.

A relação entre Instagram e povos indígenas pode ser compreendida a partir das “possibilidades de ação” da plataforma e dos projetos políti-

6 Para mais informações, acesse: <https://datareportal.com/reports/digital-2024-brazil?utm_source=chatgpt.com>

cos próprios dos distintos povos indígenas. De acordo com Ariene Susui (2022), o saber é um ato político, e os saberes comunicacionais têm uma dimensão transformadora, inclusive sobre o próprio campo científico. Assim, a comunicação é um meio de reescrever a história e uma forma de buscar saber e contrapor tudo que já foi e ainda é escrito sobre os povos indígenas sob o ponto de vista eurocêntrico. Os registros antes realizados por não indígenas, agora passam a ser feitos por comunicadores indígenas. Segundo a autora, o meio digital e a comunicação se tornaram uma das estratégias que os povos indígenas se apropriaram em favor de suas causas e demandas, diante do contexto político e sociocultural brasileiro.

Ainda, como mídia altamente visual e multimodal, o Instagram permite que imagens, áudio (voz de falantes), vídeo curto (*reels*) e texto conversem no mesmo espaço, o que favorece narrativas que combinam memória, território e língua - elementos centrais para a afirmação identitária indígena. Quando comunidades e coletivos indígenas ocupam esse ambiente, eles criam contra-esferas públicas: lugares de fala nos quais podem disputar representações, reverter estereótipos e reposicionar suas línguas como bens culturais e direitos coletivos, e não como “curiosidades folclóricas”.

No plano linguístico, a plataforma opera como ambiente de escuta e mostra: trechos de conversas, saudações, cantos e “palavras intraduzíveis” podem circular amplamente, elevando o prestígio e a autoestima linguística - fatores cruciais para a transmissão intergeracional. Para jovens indígenas, especialmente, o Instagram funciona como espaço de autoria: produzir conteúdos em sua língua de identidade étnica, legendar e comentar entre pares transforma a língua em prática viva, cotidiana e desejável. Esse processo dialoga com a lógica da alfabetização científica: ao explicar fenômenos linguísticos em linguagem clara (variação, contato, vitalidade), o perfil aproxima ciência e comunidade, reforçando que a língua é também conhecimento.

Neste estudo, ao examinar as funções desempenhadas pelas postagens do perfil @quaislinguasvocefala no Instagram, foram identificados

alguns dos impactos produzidos pelas práticas de divulgação científica. O primeiro deles refere-se à alfabetização científica sobre as línguas indígenas. Os *reels* e posts de caráter didático operam como pequenas unidades de letramento: apresentam conceitos fundamentais – como diversidade linguística, intralinguística, não traduzibilidade, contato e variação –, oferecem exemplos contextualizados e estimulam a reflexão crítica do público. Tais estratégias contribuem para aprimorar o vocabulário social sobre as línguas, reduzir ruídos interpretativos e ampliar o repertório argumentativo em defesa da diversidade linguística, conforme ilustrado na Fig.1.

Figura 1 - Alfabetização científica sobre línguas indígenas.



Fonte: Instagram (@quaislinguasvocefala), 2025.⁷

As postagens do perfil também revelam processos de reversão de crenças depreciativas e mudança atitudinal em relação às línguas indígenas do Oiapoque – fenômeno central nos estudos sobre crenças e atitudes

⁷ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/DGN4tHSu-d/?igsh=eHI2OWJ2NXo0Y-TRx>>. Acesso em: 17 de out, 2025.

linguísticas (GARRETT, 2010; BAKER, 1992; BORTONI-RICARDO, 2004). Nesse campo, entende-se que as atitudes linguísticas não se restringem a preferências individuais, mas constituem avaliações cognitivas, afetivas e comportamentais que expressam posições sociais e ideológicas acerca das línguas e de seus falantes (LAMBERT, 1967; GARRETT, 2010).

Figura 2 - A diferença entre variedades de Kheuól.



Fonte: Instagram (@quaislinguasvocefala), 2025⁸

A mudança atitudinal, portanto, implica a transformação dessas avaliações, rompendo com representações históricas marcadas pela estigmatização das línguas indígenas. Conforme argumenta Goffman (1988), o estigma é um mecanismo social que desqualifica identidades, convertendo diferenças em sinais de desvio ou inferioridade. Quando aplicado ao campo linguístico, o estigma opera sobre o modo de falar e ouvir – silenciando línguas, marginalizando falantes e reforçando hierar-

⁸ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/DGA6pWSA3Mm/?igsh=MTJ3Z2duZzJ4dm-5naA%3D%3D>>. Acesso em: 17 de out, 2025.

quias simbólicas. Desfazer o estigma é, nesse sentido, um ato político e epistemológico, pois requer deslocar a percepção da língua como marca de “falta” para reconhecê-la como expressão legítima de conhecimento, memória e pertencimento coletivo.

Esse processo é perceptível também nas comunidades do Oiapoque. Barros e Batista (2023), ao investigarem as crenças e atitudes linguísticas entre os Palikur-Arukwayene, identificam que o português é frequentemente associado ao prestígio, à escolarização e à mobilidade social, enquanto o Parikwaki é valorizado principalmente como símbolo de identidade étnica. Essa hierarquia de prestígio linguístico revela como o contato prolongado entre línguas majoritárias e indígenas produz tensões simbólicas, que precisam ser enfrentadas por meio de políticas de valorização e de práticas comunicacionais transformadoras – como as promovidas pelo projeto *Qual(is) Língua(s) Você Fala?*

Ao tornar visível a coexistência de múltiplas línguas no Oiapoque, a diversidade das variedades de Kheuól (como mostrado na Fig.2) e a legitimidade do Parikwaki e do Kali’na como línguas plenas, o perfil @ quaislinguasvocefala atua diretamente sobre o campo das atitudes linguísticas, promovendo mudanças perceptivas e afetivas no público. Essa reorientação é essencial para as políticas de salvaguarda, pois, como sustenta Fishman (1991), nenhum processo de revitalização linguística é viável sem a transformação das atitudes sociais que sustentam o prestígio e a funcionalidade das línguas.

Os conteúdos publicados no Instagram também desempenham papel decisivo no engajamento comunitário e institucional, ao promoverem articulações entre comunidade, universidade e órgãos de patrimônio (como ilustrado na Fig.3). As postagens que anunciam eventos, parcerias e convites funcionam como dispositivos de mediação, ampliando os circuitos de circulação de saberes e fortalecendo a corresponsabilidade social nas etapas do Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL) – levantamento, validação e difusão.

Figura 3 – Convite para evento.



Fonte: Instagram (@quaislinguasvocefala), 2025⁹

Sob essa perspectiva, o engajamento digital não se limita à visibilidade, mas constitui uma forma de participação, na qual diferentes atores passam a compartilhar a construção e a legitimação do conhecimento sobre as línguas indígenas. Ao tornar o processo público, transparente e colaborativo, essas práticas reforçam a credibilidade científica e institucional do projeto.

As postagens do projeto no Instagram também evidenciam um forte componente identitário, contribuindo para o fortalecimento da autoestima linguística entre os povos do Oiapoque. Os conteúdos que apresentam usos reais das línguas indígenas, destacando seus falantes,

9 Disponível em: <<https://www.instagram.com/reel/Dlj-Mo-Pc6c/?igsh=MzgzMzkydW9ve-mE%3D>>. Acesso em: 17 de out, 2025.

contextos cotidianos e situações comunicativas autênticas, funcionam como instrumentos simbólicos de reconhecimento e valorização. Ao transformar a língua em elemento de visibilidade e orgulho coletivo – como ilustra o reel da Fig.4 –, o perfil promove um sentimento de pertencimento linguístico que atua como fator preditor essencial à transmissão intergeracional (FISHMAN, 1991; BORTONI-RICARDO, 2004).

Figura 4 – Fortalecimento de identidade e autoestima linguística.



Fonte: Instagram (@quaislinguasvocefala), 2025¹⁰

Além disso, ao publicar achados parciais de pesquisa – como a diferenciação entre línguas aparentadas – e conteúdos de curiosidade científica, do tipo “*você sabia que...?*”, o projeto estimula o interesse público por evi-

¹⁰ Disponível em: <<https://www.instagram.com/reel/DIBqig9A2iN/?igsh=MWt0ZmpoNgljZ-GY3cw%3D%3D>>. Acesso em: 17 de out, 2025.

dências e consolida a ideia de que as políticas linguísticas devem se basear em dados e pesquisa empírica. Esse movimento gera tração para a ciência, ampliando a circulação social do conhecimento e retroalimentando o próprio processo de inventário linguístico, em especial suas etapas de validação e difusão pública. Assim, postagens como as apresentadas na Fig.5 cumprem a função estratégica de mobilizar dados, promover transparência e fortalecer a legitimidade científica e social do projeto *Qual(is) Língua(s) Você Fala?*

Figura 5 – Tração para dados e evidências.



Fonte: Instagram (@quaislinguasvocefala), 2025¹¹

A postagem intitulada *“Entre avanços e lacunas – o que o Censo ainda não escuta?”*, publicada pelo perfil @quaislinguasvocefala, exemplifica o potencial da divulgação científica como prática crítica e participativa, observar Fig.6. A partir da análise de dados do Censo Demográfico de

11 Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/DGQeCHbAixa/?igsh=MWNraWtxZ3I5dThuBQ%3D%3D>>. Acesso em: 17 de out, 2025.

2022, a publicação articula discurso informativo, denúncia e mediação epistemológica, situando-se no ponto de intersecção entre a ciência estatística e o conhecimento comunitário.

Figura 6 – Divulgação científica como prática crítica.



Fonte: Instagram (@quaislinguasvocefala), 2025¹²

A narrativa da postagem cumpre uma função dupla: de um lado, celebra os avanços institucionais representados pelo reconhecimento oficial de 391 povos e 295 línguas indígenas no Censo (IBGE, 2022); de outro, expõe as lacunas metodológicas e os apagamentos que persistem nos levantamentos nacionais, especialmente nas Terras Indígenas Juminã e Galibi, onde comunidades ativas foram registradas como “sem população

12 Disponível em: < https://www.instagram.com/p/DQPVETAgJV/?img_index=1 >. Acesso em: 30 de out, 2025.

indígena”. Essa estratégia discursiva – combinar a linguagem técnica com o olhar situado – transforma a publicação em um exercício de tradução científica, no sentido defendido por Massarani e Moreira (2016), em que o conhecimento é reinterpretado e devolvido à sociedade como instrumento de reflexão e ação.

Ao problematizar o “apagamento estatístico”, o perfil atua na fronteira entre a comunicação pública e a crítica epistemológica, evidenciando que os dados não são neutros, mas atravessados por relações de poder, limitações metodológicas e hierarquias de escuta. Tal perspectiva ecoa a crítica de Linda Tuhiwai Smith (2018) à colonialidade das metodologias, segundo a qual o conhecimento produzido sobre povos indígenas frequentemente silencia as próprias vozes desses povos. A postagem, ao afirmar que *“ser contado é existir aos olhos do Estado”*, reconfigura o Censo como um campo de disputa simbólica, no qual a contagem se torna também um ato político de reconhecimento e existência.

Nesse sentido, o conteúdo assume relevância particular no campo das crenças e atitudes linguísticas (GARRETT, 2010; BAKER, 1992; BORTONIRICARDO, 2004), pois o apagamento numérico de uma comunidade implica também a desvalorização simbólica de suas línguas e práticas culturais. Ao denunciar essa invisibilidade e afirmar a presença contínua das famílias, escolas e falantes, o perfil promove uma mudança atitudinal coletiva – um deslocamento de percepção que legitima as línguas indígenas como componentes estruturais da realidade nacional, e não como resquícios folclóricos.

Além disso, ao relacionar o projeto *Qual(is) Língua(s) Você Fala?* à correção das distorções do Censo, a postagem reposiciona a ciência como ferramenta de reparação e autorrepresentação, evidenciando o papel das pesquisas locais na atualização dos dados e na restituição de narrativas às comunidades. Essa articulação entre estatística e etnografia, dado e experiência, reitera a tese de Goffman (1988) sobre o estigma como processo social de desqualificação – neste caso, o apagamento estatístico opera

como forma de estigmatização institucional, e a divulgação científica atua para restaurar o valor simbólico e a visibilidade dos sujeitos linguísticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das ações comunicacionais do projeto *Qual(is) Língua(s) Você Fala?* evidencia que a divulgação científica, em contextos interculturais, ultrapassa o papel de tradução do conhecimento: ela se constitui como um campo de disputa epistemológica e política, no qual se negocia o direito de narrar, classificar e representar o mundo. No caso das línguas indígenas do Oiapoque, divulgar ciência é também restituir legitimidade às formas locais de saber, produzindo reconhecimento público para sujeitos historicamente silenciados pelas estruturas da ciência e do Estado.

Mais do que um suporte tecnológico, o Instagram se revela um território discursivo de resistência, onde o conhecimento científico se reconfigura a partir de lógicas de pertencimento, afetividade e reciprocidade. A circulação de conteúdos – vídeos, cards, relatos e denúncias – transforma o espaço digital em uma arena de escuta pública, capaz de tensionar as fronteiras entre o que é considerado “dado” e o que é experiência vivida. Essa operação desloca a função tradicional da divulgação científica: ela deixa de ser um canal de difusão e passa a ser uma prática de restituição simbólica, por meio da qual as comunidades participam ativamente da produção e validação do saber.

Nesse sentido, o estudo aponta que a força transformadora da divulgação científica não reside apenas na transmissão do conteúdo, mas na criação de ambientes de diálogo e reexistência, onde a linguagem científica se torna permeável à voz dos sujeitos. Essa é uma dimensão ainda pouco explorada nos estudos sobre ciência e sociedade – a divulgação entendida não como extensão da academia, mas como prática cognitiva compartilhada, que envolve emoção, identidade e agência coletiva.

O caso analisado permite, portanto, afirmar que a salvaguarda das línguas indígenas exige também uma política de comunicação: um

investimento sistemático em estratégias que aproximem a ciência das comunidades e das redes sociais onde o público efetivamente circula. Isso implica repensar o papel do pesquisador, que deixa de ser porta-voz da ciência e passa a atuar como tradutor e mediador cultural – figura que escuta, aprende e devolve conhecimento em forma de diálogo.

Conclui-se, enfim, que a experiência do *Qual(is) Língua(s) Você Fala?* ilumina uma via de futuro para a divulgação científica no Brasil: uma prática plural, afetiva e situada, que reconhece nas mídias digitais não apenas uma ferramenta, mas um espaço político de afirmação das diferenças. Ao dar visibilidade às línguas do Oiapoque, o projeto demonstra que divulgar ciência é também reinventar os modos de existir e de contar o país, tornando o ato de comunicar indissociável do ato de escutar.

REFERÊNCIAS

BAKER, Colin. *Attitudes and Language*. Clevedon: Multilingual Matters, 1992.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2011.

BARROS, Elissandra; BATISTA, Lenise Felício. *Qual(is) língua(s) você fala? Investigando crenças e atitudes linguísticas entre os Palikur-Arukwayene*. **Revista Linguística**, Rio de Janeiro, v. 19, n. suplementar, p. 50-77, set.-dez. 2023. DOI: 10.31513/linguistica.2023.v19nSup.a60394

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BUENO, W. C. Comunicação científica e divulgação científica: aproximações e rupturas conceituais. **Informação & Informação**, [S. l.], v. 15, n. 1esp, p. 1-12, 2010. DOI: 10.5433/1981-8920.2010v15n1esp1. Disponível em: <<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/6585>>. Acesso em: 22 set. 2025.

CARMO, F. C. S.; BARROS, E. **Ocultar mostrando: a representação dos povos indígenas no Jornal do Amapá**. In: VII Epca Amazônia - Belém - Pará - Brasil, 2024. Disponível em: <<https://doity.com.br/anais/epca2024/trabalho/414276>>. Acesso em: 22 set. 2025.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.

GARRETT, Peter. *Attitudes to Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

LIMA, Ariene (Susui) dos Santos. **Comunicação indígena em Roraima e a criação de novas territorialidades digitais: rede Wakywai, resistências e saberes amazônicos**. Dissertação - Universidade Federal de Roraima (PPGCOM-UFRR), 2022.

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. Curitiba: Criar Edições, 2008.

MASSARANI, Luisa; MOREIRA, Ildeu de Castro. *Divulgação científica: linguagem e prática*. Rio de Janeiro: Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 2016.

SMITH, Linda Tuhiwai. *Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas*. 2. ed. Curitiba: Appris, 2018.